



REPORTAGEM

# SALTO PARA A EUROPA

Para fugir à desdita ou procurar uma vida melhor, milhares de africanos palmiteiam centenas ou milhares de quilômetros continente acima para tentarem "dar o salto" para a Europa. Há quem já tenha feito numerosas tentativas, há quem o esteja a tentar há anos e há quem prefira morrer a tentá-lo do que viver sem perspectivas. REPORTAGEM DE BEATRIZ MESA, NO NORTE DE MARROCOS



AVANÇO MASSIVO  
AFRICANOS TENTAM  
ULTRAPASSAR A  
VEDAÇÃO ENTRE  
MARRUCOS  
E MELILLA, NO PASSA-  
DO DIA 3. LEVADA A  
CABO POR MAIS DE 500  
PESSOAS, FOI A MAIS  
MASSIVA TENTATIVA  
DOS ÚLTIMOS ANOS DE  
FORÇAR A ENTRADA NO  
ENCLAVE ESPANHOL

GUARDIA  
CIVIL



# A

A jovem Marie calcorreou grande parte do percurso. Desde os Camarões, atravessou a pé o Mali e a Argélia, até chegar a Marrocos. Foram cerca de quatro mil quilômetros, sob o calvário do calor, da fome e do frio da noite, para acabar imobilizada entre as árvores de Castillejos, uma floresta localizada às portas da cidade espanhola de Ceuta, que serve de refúgio a centenas de subsarianos chegados de lugares diversos da África Ocidental. Nesta floresta, os imigrantes erguem acampamentos improvisados, que têm poucos dias de vida. A polícia marroqui-

na conhece os locais onde eles se instalam enquanto aguardam uma oportunidade de dar o salto para o outro lado da fronteira. Nas suas incursões sistemáticas, a polícia destrói os abrigos de plástico e de cartão e os alimentos que representam o único fio de oxigênio para a sobrevivência destes filhos da diáspora subsariana. Os imigrantes fogem a correr, os detidos são transferidos em autocarros para as principais cidades do país. Os feridos e doentes são abandonados como indigentes pelas autoridades marroquinas, que tentam afastá-los das proxi-

midades de Espanha.

O calvário de Marie começou no seu país de origem, os Camarões, quando ficou grávida e o marido a abandonou. "O que posso fazer?", pensou. Vários membros da sua família juntaram dinheiro para lhe pagar as primeiras etapas da fuga para o paraíso europeu. E foi assim que Marie se fez ao caminho, sem saber bem o que ia enfrentar: tentativas de abuso sexual e muita precariedade.

Durante a viagem, conheceu o homem que a salvou da perseguição de outros africanos que veem as mulheres como mer-



**À ESPERA**  
À ESQUERDA, ACAMPAMENTO IMPROVISADO DE AFRICANOS NOS BOSQUES MARROQUINOS PERTO DE MELILLA, NO PASSADO DIA 24; À DIREITA, EM CIMA, IMIGRANTES RECÉM-CHEGADOS A MELILLA COM SACOS DE PLÁSTICO E PIJAMAS DADOS PELA CÁRITAS; EM BAIXO, IMIGRANTES NO BAIRRO DE BOUTAYEB, EM TÂNGER, COM SIXTO DE CHAPÉU



cadoria para exploração sexual. Está com ele há mais de um ano. E juntos aspiram chegar a Ceuta. “Felizmente que me acompanha aquele que é agora o meu namorado. Sou a única mulher neste lugar e podem fazer-me qualquer coisa. Além disso, tenho de me comportar como um homem se quiser sobreviver”, diz.

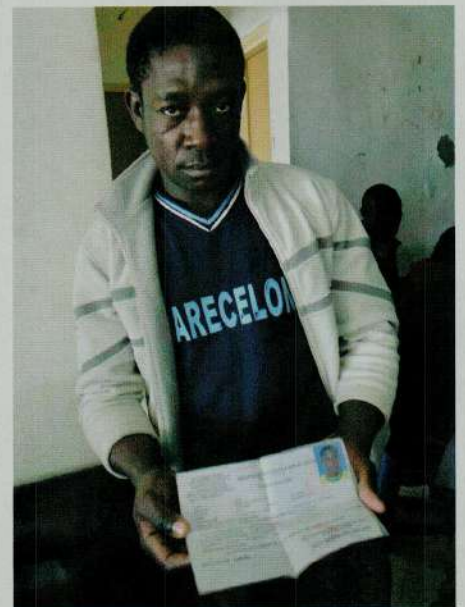
Marie ocupa-se a fazer comida para alguns elementos da sua comunidade camaronesa. E para comerem precisam de caminhar mais de três horas, a distância entre a floresta e o centro da cidade de Castillejos, onde dedicam

grande parte do seu tempo ao “salam” (“que deus te abençoe”, em árabe). Com esta expressão muçulmana, os africanos mendigam dinheiro e alimentos à população marroquina. “Vivem da solidariedade do povo enquanto estão em Marrocos. Dei-lhes camisas e calças”, conta Mohamed, um comerciante de Castillejos que costuma lidar com os sem papéis, ou indocumentados.

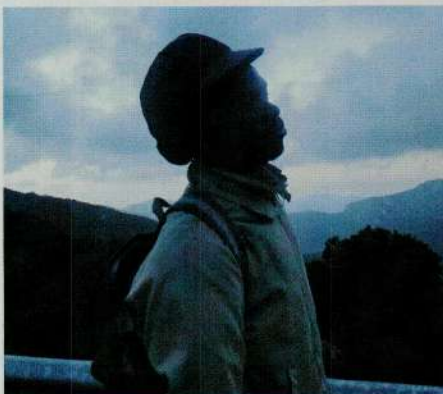
Esta mendicidade não é habitual num país onde os negros são associados à delinquência — e esse estigma complica todas as possibilidades de integração. “Dão

**PARA COMEREM,  
PRECISAM  
DE CAMINHAR MAIS  
DE TRÊS HORAS, ENTRE  
A FLORESTA E O CENTRO  
DA CIDADE  
DE CASTILLEJOS**

muito má imagem de si quando os vemos a pedir esmola pelas ruas”, dizem os habitantes locais. Por isso surpreende a medida que o Rei Mohamed VI fez adotar em janeiro para aproximar a comunidade imigrante da população marroquina e o compromisso de atribuir documentos de identificação a 20 mil dos 40 mil estrangeiros em situação irregular. Marrocos é assim o primeiro país de África a iniciar um processo inédito de regularização em massa. Mas o programa é complicado. A maioria dos subsarianos não conseguirá cumprir os requisitos



**PERSONAGENS** IMIGRANTES MATAM O TEMPO NUM APARTAMENTO-PATERA DE TÂNGER; EM CIMA, À DIREITA, DAVID, QUE FOI ESPANCADO PELA POLÍCIA MARROQUINA; AO CENTRO, WILLIAM, MOSTRANDO UM DOCUMENTO PROVISÓRIO DE IDENTIFICAÇÃO. EM BAIXO, DAVID NUMA ESTRADA DO BOSQUE DE CASTILLEJOS (ESQUERDA), MOUSSA, QUE FUGIU DA NIGÉRIA, ONDE FOI TERRORISTA, E ABUBAKAR



que são exigidos. "Têm de provar que viveram em Marrocos durante cinco anos ou que têm cônjuge marroquino e justificar uma vida em comum de pelo menos dois anos", explicaram ao Expresso fontes da administração marroquina. Essa condição parece impossível, pelo menos, para 3000 indocumentados da África subsariana que vivem na clandestinidade, nas matas das cidades marroquinas de Castillejos, às portas de Ceuta, ou de Nador, no sopé de Melilla, que dificilmente poderão apresentar um único documento.

#### O MEU NOME? "NINGUÉM!"

Como se chama? "É isso que importa? Sou mais um número entre as centenas de imigrantes que querem chegar a Melilla." Para Seul, dos Camarões, como para a maioria dos subsarianos, "ninguém" é o seu nome. Em Marrocos, ou quando chegam a Espanha, as autoridades ignoram a terrível história que está por trás das mãos feridas de se agarrarem aos arames da tripla vedação de Melilla que separa a Europa de África e por onde tentam entrar incessantemente; ou o que escondem os olhos lacrimejantes de desespero. "Eu tenho que chegar à Europa... Eu tenho que chegar à Europa", repete Seul como se rezasse um rosário, depois de partilhar a sua terrível história. Deixou os dois filhos e a mulher nos Camarões, depois de a sua mercearia ser consumida por um fogo accidental. De um momento para o outro perdeu tudo e, sem pensar muito tempo, fez-se ao caminho da clandestinidade. Deixou de ser Seul para se chamar Ninguém.

As rotas da imigração na África subsariana são sempre as mesmas (ver mapa). A principal começa em Agadez, aonde confluem imigrantes dos Camarões, Nigéria, Serra Leoa e Gana, e atravessa a Argélia, para chegar a Marrocos

através de Oujda. Outra, mais próxima da costa atlântica, percorre o Senegal e a Mauritânia e atravessa o Sara Ocidental, para entrar a norte do reino alauita.

Como qualquer subsariano, Seul teve de pagar ao chegar à cidade marroquina de Oujda, onde os imigrantes indocumentados compram o direito de gueto (um lugar num dos acampamentos clandestinos, formados por nacionalidade) e a guia, ou seja, transporte para os chamados apartamentos-patera (camaratas montadas em apartamentos, onde os imigrantes vivem apinhados, como nas pateras, as frágeis embarcações de madeira nas quais tentam chegar à Europa) nas principais cidades marroquinas ou para as florestas próximas de

**AS ROTAS DA IMIGRAÇÃO NA ÁFRICA SUBSARIANA SÃO SEMPRE AS MESMAS E, QUANDO CHEGAM AO DESTINO, OS IMIGRANTES INDOCUMENTADOS TÊM DE COMPRAR O DIREITO DE "GUETO" E A GUIA**





Ceuta e Melilla. “Entre o direito ao gueto e a guia, a soma é de cerca de 150 euros. Se não os tivermos, ficamos num abrigo até conseguir o dinheiro. Os nigerianos exigem mais dinheiro e, nesta comunidade, as mulheres são as mais vulneráveis porque, além de pagarem mais (500 euros) costumam levar cocaína na vagina para ganharem a confiança do líder”, continua o nigeriano Moussa, de 23 anos. A sua história horrível dava um filme. Na adolescência, o seu tio, pessoa importante da organização terrorista nigeriana Boko Haram, obrigou-o a fabricar explosivos. Mais tarde, conseguiu estudar Direito, até que decidiu abandonar o país, quando o tio lhe ordenou que levasse a cabo dois atentados, com os quais a organização pretendia ganhar credibilidade e notoriedade. Finalmente, em 2012, escapou da estrutura terrorista e mataram-lhe a irmã por vingança.

Como em qualquer organização clandestina, os guetos dos imigrantes ilegais em Marrocos são muito hierarquizados e os imigrantes têm pouca liberdade de ação. “Se não existisse a comunidade, os peixes grandes comiam os pequenos”, explica Moussa. Quando chegou a Marrocos, há dois anos, sentiu-se como um peixe pequeno, porque a sua nacionalidade, a nigeriana, não tem membros suficientes para formar uma comunidade. Optou, então, por aderir à estrutura camaronesa. “É uma maneira de se sentir protegido e defendido”, comenta Serge Diva, membro da Asociación de Luz sobre Emigración Clandestina en el Magreb (Alecma), que desempenha o papel chave de tribunal improvisado para os imigrantes, a maneira de manter a ordem dentro de cada comunidade. “Cada nacionalidade aplica as suas regras. Quem roubar está sujeito a

um castigo, que pode ser físico ou económico. Desde dois golpes na cara até à obrigação de limpar o acampamento na floresta.” A disciplina da comunidade só se quebra no final da viagem. Uma vez organizado, numa floresta próxima, um assalto à fronteira, seja por terra ou por mar, só resta confiar numa coisa: a sorte.

**MOUSSA TENTOU  
ATRAVessar A NADO,  
PARTINDO DA PRAIA  
TARAJAL, EM CEUTA,  
COM UM GRUPO DE 400  
PESSOAS. NINGUÉM  
CONSEGUIU. E PELO  
MENOS 15 MORRERAM  
AFOGADAS**

#### SIXTO JÁ TENTOU II VEZES

A sorte, no entanto, ainda não bafejou Moussa. No passado dia 6 de fevereiro, tentou atravessar a nado, partindo da praia Tarajal, em Ceuta (ver mapa), com um grupo de 400 pessoas. Ninguém conseguiu. E pelo menos 15 delas morreram afogadas, provocando uma profunda crise política em Espanha. Várias organizações humanitárias denunciaram o uso de material antidistúrbios e balas de borracha pela Guarda Civil, para deter os imigrantes que estavam

## MELILLA

MEMBROS DA GUARDA CIVIL PATRULHAM AO LONGO DA FRONTEIRA. A VEDAÇÃO, COM CERCA DE 12 KM DE COMPRIMENTO, É TRIPLA, E DISPÕE DE TECNOLOGIA DE ALARME DE MOVIMENTO E CÂMERAS DE VIGILÂNCIA. NO ANO PASSADO, 1074 AFRICANOS CONSEGUIRAM ULTRAPASSÁ-LA E ENTRAR NO ENCLAVE ESPANHOL, UM PEDAÇO DE ESPANHA EM ÁFRICA COM CERCA DE 12 KM<sup>2</sup>



## CEUTA

À ESQUERDA, O ENCLAVE ESPANHOL FOTOGRAFADO A PARTIR DE TERRITÓRIO MARROQUINO, VENDO-SE A VEDAÇÃO DA FRONTEIRA

na água. Moussa foi um dos sobreviventes da tragédia de Tarajal e, depois de ver o seu sonho de novo frustrado, voltou ao "apartamento-patera" do bairro Boutayeb, em Tânger.

Normalmente, nas cidades refugiam-se três tipos de imigrantes: aqueles que fizeram várias tentativas para entrar em Espanha por terra ou por mar; os subsarianos com estatuto de mafiosos que optaram por se instalar em Marrocos e retiram alguma rentabilidade do tráfico de pessoas, especialmente mulheres abandonadas pelos maridos com crianças; ou simplesmente aqueles que, cansados de subsistir na indigência da floresta, necessitam de se instalar numa localidade para renovar forças. Mas proteger-se entre quatro paredes tem a desvantagem de não estar na hora exata para tentar o salto para a Europa.

"No canto que me deram no

apartamento vivo eu com as minhas duas filhas", conta uma mulher camaronesa de aspeto muito cansado. O marido fugiu, deixando-a grávida, o que já não é notícia neste bairro periférico de Tânger. A maioria dos homens abandonam as mulheres grávidas. "Não querem assumir a responsabilidade de um bebé, porque isso os estorva na tentativa de chegarem à Europa", acrescenta. Em Boutayeb, os imigrantes conseguem passar despercebidos, mas o facto de não estarem indocumentados ou não terem os documentos em ordem impede-os de arranjar emprego. A subsistência é assegurada pelo recurso à mendicidade. "Pelo menos deixam-nos viver aqui", continua a mulher, cansada de pensar como é que poderá conseguir ir para Espanha. No seu caso, com as crianças, a única possibilidade é arranjar espaço num barco pneumático de oito metros de comprimento com

motor. "Mas estão a pedir cerca de mil euros e eu nunca vou conseguir esse dinheiro", lamenta.

Na camarata em frente aparece Sixto, também dos Camarões. Vestido com roupa de imitação de Dolce Gabbana, tentou mais de 11 vezes chegar a Espanha com "passagem de luxo". Embarcou num pneumático com um motor muito potente que o deveria ter levado de Tânger para Tarifa. Fracassou em cada tentativa. "Perdi mais de 6000 euros, porque quando entrávamos na água, a marinha real marroquina detinha-nos."

## HÁ OITO ANOS EM MARROCOS

A família de Sixto é comerciante e fazem-lhe transferências frequentes de dinheiro através da Western Union. Com todo o dinheiro recebido, deixou de ser soldado raso entre os subsarianos, para se tornar um tenente e lançar-se no negócio dos espaços vendidos em

barcos pneumáticos. Depois de mais de oito anos em Marrocos, as suas aspirações foram-se reduzindo. "Vou ficar aqui. Tenho mulher e três filhos", diz ele, resignado. Contudo, no seu caso não precisa de partilhar o quarto com os imigrantes que se revezam para dormir ou cozinhar. Ele vive no seu próprio apartamento, pagando uma renda inferior a 150 euros por mês.

Sixto cumprimenta os seus companheiros que foram feridos pela polícia marroquina numa das últimas tentativas de entrada maciça em Ceuta. David tem um braço engessado, Thomas uma ligadura na orelha e André segura-se com dificuldade a uma muleta para andar. Entretêm-se vendo televisão, fazendo zapping entre desporto e notícias. No ar mistura-se um sentimento de desânimo e impotência.

## FILHO DE UM GENERAL

Aparece Kastro, da Costa do Marfim, de físico musculado. É um rapper famoso, que não fugiu da fome, mas sim da guerra. Na Costa do Marfim rebentou um conflito político que o obrigou a apanhar um avião para Casablanca. Entrou legalmente, para em seguida enveredar pelos caminhos clandestinos. Abandonou o estudo da música e a digressão que estava a fazer. Ver-se na necessidade de lutar para conseguir um espaço num toys (um barquinho do tipo dos usados pelas crianças), impulsionado a remos, por 700 euros, perturbou-o, mas diz: "Vou conseguir." William, camaronês, mostra os documentos para provar o seu pedido de residência em Marrocos. "Venho da Malásia. Trabalhei na construção até que o meu visto expirou. Trabalhei na Líbia e no Egito, mas com a crise também tive que fugir." É outro imigrante que perdeu tudo. David, da Guiné-Conacri, e Abubakar, do Mali, passam mais tempo na estrada que

bordeja a floresta de Benyunes, perto de Ceuta, do que nos apartamentos-patera. O primeiro rebelou-se contra o pai, um general do exército que não cumpriu a promessa de enviar o filho para a Europa para estudar sociologia, e em vez disso lhe traçou um futuro nas forças armadas. "Não queria seguir o mesmo caminho que o meu pai, por isso saí de casa. A minha mãe ajudou-me a comprar o bilhete de avião e aqui estou", explica, como se fosse uma aventura.

E Abubakar, de 21 anos, futebolista de profissão, não podia continuar a receber o equivalente a cerca de 50 euros por mês. "Vim do Mali, atravessei a Mauritânia e dali fui para Dakhla, no Sara. Paguei o equivalente a 200 euros para colocar o selo no passaporte que me dá total liberdade durante três meses como turista. Agora tento descobrir como saltar a vedação." Em todos estes rostos não há rendição, mas sim luta.

### ESMOLAS E BISCATES

Ceuta e Melilla são os últimos destinos, as desejadas. Porque uma vez entrados no território das cidades autónomas espanholas, são acolhidos nos Centros de Estadia Temporária de Imigrantes (CETI) e aí aguardam a vez de serem transferidos para o continente. Às vezes podem passar anos, e o sonho de algumas das centenas de africanos subsarianos que entram ilegalmente na esperança de encontrar um futuro para si e para os seus transforma-se em frustração. O seu acesso diário a um prato de comida e a um teto não é suficiente, porque a liberdade não é completa até alcançarem o continente. Em Ceuta e Melilla, os seus dias tornam-se intermináveis, exceto quando calha jogar uma partida de futebol no pequeno campo. Durante as horas livres, que são todas, dedicam-se a procurar um "emprego"

de arrumadores ou de lavagem de veículos, pedem esmola nos supermercados ou fazem pequenos biscates às escondidas. Entram e saem do centro livremente. Passam os dias vagueando, até fazerem parte da paisagem urbana de uma cidade como Melilla, que tem cerca de 80 mil habitantes. Mas isso não significa, nem de perto, a sua integração na sociedade. "Sim, claro, cumpriu-se o meu sonho de entrar em Espanha, mas ainda não pus os pés na Europa.

De momento, é como viver numa prisão, e não há trabalho para poder ajudar a minha família", diz Diakone, do Mali, num espanhol incipiente. Está sentado num banco com os amigos, olhando os grupos de imigrantes que acabaram de chegar a Melilla e se

dirigem a pé para o CETI, levando na mão um saco preto de roupa que a Caritas Paroquial lhes ofereceu para superarem os primeiros dias numa cidade de que já tinham ouvido falar no seu país de origem como sendo o pequeno Eldorado espanhol.

Diakone conseguiu chegar a Melilla num barco insuflável movido a remos por vários homens a partir da costa marroquina, a cerca de duzentos metros. Para trás deixou para sempre as viagens em grupo noturnas e a ansiedade causada pelas patrulhas policiais, o medo e o sentimento de perseguição constantes em Marrocos. "No CETI mudei a minha nacionalidade, maliana, porque o governo espanhol assinou acordos de expulsão com alguns países, como o meu", informa. Segundo a Delegação do Governo em Melilla, um imigrante que ingresse no CETI — onde pode ficar até cinco anos — pode ser deportado para o seu país de origem desde que se identifique com certeza a sua nacionalidade e se chegue a acordo com os serviços consulares do país de onde procede.

### "ESTAS PESSOAS ESTÃO A FUGIR DA MORTE"

Ceuta e Melilla são como duas ilhas rodeadas de água e o imigrante pouco pode esperar nestes redutos espanhóis. "Alguns acabam esquizofrénicos depois de passarem anos na cidade, sem acesso a um médico, sem ganhar a vida para sustentar as suas famílias e sem documentação." Esta é também a outra face do fenómeno "que os espanhóis igualmente sofreram". "O mesmo povo de Deus emigrou a caminho da terra prometida", diz Paula, carmelita da Caridade Verdina em Ceuta, que a partir da sua associação, a Edin, é como uma mãe para todos os membros da comunidade subsariana. "Não é só dar-lhes um lugar para dormir,

mas também dar-lhes o calor de uma família que deixaram para trás nos seus países", diz a religiosa. Para madre Paula, a solução para a imigração não passa pelo prolongamento dos molhes, a colocação de novas barreiras ou a revisão das vedações, mas pelo "respeito da lei, para que haja justiça e pelo respeito dos direitos humanos". "Olhe, não se podem pôr portões à fome ou à guerra. Estas pessoas estão a fugir da morte."

### SEMPRE CLANDESTINO

Face à chegada crescente de indocumentados, os centros de permanência temporária para imigrantes estão a passar por momentos de máxima sobreocupação. Só o CETI de Melilla tinha 1000 imigrantes em janeiro (que já era mais do dobro do que a ocupação prevista), número que quase duplicou desde os saltos massivos do mês passado. Para evitar este tipo de concentração, as autoridades espanholas aceleraram os mecanismos para fretar aviões ou navios para o continente, a fim de reduzir a pressão migratória. E quando o imigrante é transferido para um novo centro de estadia de imigrantes (CEI) já no continente espanhol, a diferença em relação às cidades autónomas de Espanha em Marrocos é que, por lei, não pode ficar mais de três meses, sendo em seguida posto em liberdade.

Este é o momento em que o subsariano se pode movimentar por toda a Europa, mas não com a tranquilidade de um europeu. Continua a ser clandestino e corre o risco de ser capturado pelas autoridades europeias, que lhe podem abrir um processo de expulsão. Mas até que isso aconteça, tem nas mãos a oportunidade de pôr em prática o desejo de mudar a sua vida e a da sua família após a via dolorosa da imigração. ●

revista@expresso.impresa.pt  
TRADUÇÃO DE AIDA MACEDO

**"CUMPRIU-SE O MEU SONHO DE ENTRAR EM ESPANHA, MAS AINDA NÃO PUS OS PÉS NA EUROPA. DE MOMENTO, É COMO VIVER NUMA PRISÃO", DIZ O MALIANO DIAKONE**